

CAPOEIRA: PATRIMÔNIO IMATERIAL? MENINO, QUEM É TEU MESTRE?

MARIA APARECIDA CARBONAR ¹

Resumo: Reconhecer a importância do mestre de capoeira e a sua identidade cultural é o objetivo desse estudo. Refletindo os Patrimônios Imateriais como ferramenta pedagógica buscando estruturar narrativas com a (re)construção e manutenção da memória e de relatos orais subsidiada com textos e pesquisas em torno da malícia, da ginga e arte da Capoeira, levaremos a história desse patrimônio cultural ao espaço escolar. Se de origem africana ou brasileira, o essencial é a magia desencadeada pelo toque do berimbau e pelas ladainhas entoadas pelos seus praticantes. De marginalizada no período imperial e início republicano, passa, na década de 1930 a ser vista como manifestação folclórica deixando as ruas para ser praticada nas academias, tendo com Mestre Bimba o seu defensor/propagador com a bandeira da “luta regional baiana”. Na década de 1970, passou a ser considerada como desporto pelo ministro Marcos Maciel e, em 2008, foi tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade. A “roda” foi registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial no Livro das Formas e Saberes – o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana recriada no Brasil. Já o “ofício dos Mestres de Capoeira” foi registrado como Bem Cultural de Natureza Imaterial no Livro dos Saberes. Partindo dos estilos Regional, de mestre Bimba e Angola, de mestre Pastinha, chega à contemporânea mas sem abandonar o esquema montado na década de 1930. A capoeira é a linguagem da recuperação das formulações de energia. Exemplos de mestres, além dos já citados, destacamos: Canjiquinha, Sinhozinho, Suassuna, Valdeci, Sergipe, Kinkas, Zé Luiz, Crispim, Zico, Serpente, Pop, Sombra, Tigre, Cavallieri, além de muitos outros que propagam a sua arte e manha, reunindo crianças, jovens e adultos, homens e mulheres, a um mesmo ideal. A aplicabilidade da capoeira no espaço escolar é o meu tema de estudo do PDE, Programa de Desenvolvimento Educacional.

Palavras Chaves: Patrimônio Imaterial, Identidade Cultural, Capoeira, Educação.

¹ Professora da rede pública Municipal e Estadual de Ensino. Especialista em Educação Patrimonial (UEPG) e Educação em Valores Humanos (Fies), professora pesquisadora no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE (UEPG) e pós graduanda em Neuropsicopedagogia (Dom Bosco).
Orientadora: Ms. Elizabeth Johansen.

Menino, quem é teu mestre?

“Aprender capoeira não é aprender a brigar, é aprender a luta de um povo que se expressou em movimentos físicos pela necessidade de liberdade. A liberdade de ser gente! Aprender capoeira é acima de tudo, lutar pela liberdade do corpo e do espírito (...).”

Conforme a citação acima de PAULO CUNHA (1983) se percebe a importância que ela possui para aqueles que a pratica e a necessidade de expressar os movimentos pela busca da liberdade, pelo reconhecimento dessa arte a qual por muito tempo foi tida como proibida e seus adeptos perseguidos. A capoeira é tudo isso e muito mais, hoje Patrimônio Imaterial da Humanidade.

“Há os que acreditam que a capoeira nasceu no Brasil, a partir de uma mistura de lutas, danças e rituais de diversas partes da África. Há, porém, os que creem que se trata de uma mistura da cultura africana com a indígena, pois os índios brasileiros praticavam um ritual que misturava música, dança e luta. (...) a teoria de que a capoeira é africana não encontra respaldo na história, pois, apesar de existirem danças semelhantes na África, como o n’angolo (a dança da zebra), não há manifestações semelhantes à capoeira em países que receberam influência africana, o que reforça a hipótese de que ela surgiu mesmo no Brasil, fruto do encontro de tradições”. (PAULA e SILVA, 2008).

Independentemente de suas origens, a capoeira era uma forma de resistência dos afro-americanos à escravidão. Ela foi um instrumento de resistência a um sistema dominante e opressor, uma forma de luta pela liberdade de um povo escravizado e maltratado pelo colonizador europeu.

Já Waldeloir REGO (1968) afirma que:

“No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros (...). portanto, a minha tese é de que a capoeira foi inventada no Brasil, com uma série de golpes e toques comuns a todos os que a praticam, e que os seus

próprios inventores e descendentes, preocupados com o seu aperfeiçoamento, a modificaram com a introdução de novos toques e golpes, transformando uns, extinguindo outros, associando-se a isso o fator tempo que se incumbiu de arquivar no esquecimento muitos deles e também o desenvolvimento social e econômico da comunidade onde se pratica a capoeira (...)”.

Grandes nomes permeiam sua caminhada: Bimba, Pastinha, Valdemar, Caiçaras, Canjiquinha, João Grande, Gato, Traíra, Cobrinha Verde, aos quais muitos novos se juntaram como Sinhozinho, Suassuna, Churrasco, Cavalieri, Zico, Curió, Sergipe, Valdeci, Pop, Tigre, Sombra, Serpente, Kinkas, Zé Beijo, Corró, Spock, Crispim e tantos outros que carregam a bandeira da capoeiragem ensinando seus discípulos sobre a arte, a luta, a ginga, a malícia, o ritual, o respeito e o ritmo a ser seguido.

Ao som do berimbau (que dita o jogo que vai acontecer na roda) e demais instrumentos, dois corpos expressam movimentos que muitas vezes lembram gestos de alguns animais, mas que seguidos pelas ladainhas transformam a capoeira num espetáculo capaz de causar arrepios e pelo axé que transformam o ambiente e mesmo quem não sabe “capoeirar” sente uma vontade imensa de mexer o corpo e cantar seus versos e acompanhar com as palmas o clima criado pelo som dos instrumentos.

CARLOS SENNA (1994) diz que “a capoeira não surgiu, não veio, não apareceu. Ela brotou dos quilombos, gerada no casamento da violência da raça branca dominadora com a necessidade físico-espiritual de defender-se da raça negra escravizada (...)”. Assim, a capoeira emergiu da ânsia de liberdade, combinando agilidade, destreza, astúcia, ginga e manha atraindo quem ela quis provocar.

A origem do nome “capoeira” para alguns etnólogos, vem da língua tupi-guarani: caa, que significa “mato”, e puera, “o que foi”, segundo alguns estudiosos, quando os escravizados fugiam, eles iam para o mato, daí “capoeira” (SILVA, 2008).

As denominações – Regional e Angola – podem ser encontradas em PIRES (2002) retratando os relatos de Bimba e Pastinha. Mestre Bimba nomeou sua capoeira de Regional, pois, segundo ele, ela só podia ser encontrada na Bahia. Já a capoeira de Angola, segundo mestre pastinha, seria uma forma de luta praticada na África e que teria adquirido aspectos

lúdicos no Brasil, por isso esse estilo se chamava Angola, pois se remetia ao continente africano.

Atualmente se fala num terceiro estilo de capoeira: a Contemporânea, que segundo santos (2010), ela junta os dois estilos. O estilo mais antigo, o de Angola, remonta a época da escravidão sendo suas principais características o ritmo lento, golpes jogados mais ao solo e muita malícia. A Regional caracteriza-se pela mistura da malícia da capoeira de Angola com o jogo mais rápido de movimentos ao som do berimbau. Os golpes são rápidos e secos sendo que as acrobacias não são utilizadas. Fundada por mestre Bimba, a Capoeira regional tem como um dos fundamentos manter no mínimo uma base do solo. O forte desse estilo são as cabeçadas, as quedas e as rasteiras. Já a capoeira Contemporânea une um pouco dos dois estilos.

Do tempo da escravidão aos dias de hoje, a capoeira é uma das grandes manifestações de nosso folclore. A falta de registros e da memória oral nos impede a precisão de informações sobre as raízes africanas da capoeira. Desenvolvida a partir de dois estilos: Angola e Regional recebeu inovações com mestre Bimba, na Bahia, mas sem perder sua originalidade.

“Os únicos documentos que retratam a participação dos capoeiras nos centros urbanos do Rio de Janeiro são boletins de ocorrência redigidos pelos escrivões das delegacias de polícia, registros e arquivos da movimentação carcerária da cidade do Rio e poucos literatos que retratam de maneira lúdica e deslumbrada toda a performance dos negros capoeiras, distorções intencionais de uma história de luta e dor” (RODRIGUES FILHO, 2008).

No período Imperial, existiu a chamada Guarda Negra que foi um grupo surgido em 1888 no Rio de Janeiro por ex-escravos e que apoiavam a princesa Isabel. A Guarda Negra significava para os capoeiras uma forma de fazer política. Entretanto, essa atuação política fez com que o regime seguinte, a República, a inserisse como crime no Código Penal, conforme relatado por MATTOS (2006, p. 78-80).

Na mesma perspectiva, SOARES (1993) relata que: “as diferenças entre republicanos e capoeiras tinham relação com a participação dos capoeiras nos conflitos eleitorais, nos quais eles participavam como capangas políticos dos monarquistas”.

Com a instituição do regime republicano, a repressão à capoeira foi intensificada, surgindo um artigo no Código Penal de 1890, intitulado “Dos Vadios e Capoeiras” registrando:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas e instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando algum mal: Pena – de prisão cellualar de dous a seis meses (BRASIL, 1890).

Art. 403. No caso de reincidência, será aplicada ao capoeira, no grão maximo a pena do Art 400.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará reincidência, o infractor será recolhido por um a tres annos, a colonias penaes que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Paragrapho único: Si o infractor for estrangeiro será deportado (Brasil, 1890). 386

Assim, a capoeira seguiu seus passos, avançando o que nos levou a fazer de sua caminhada e da identidade e individualidade de seus mestres, além de sua aplicabilidade dentro do currículo escolar o nosso objeto de estudo, investigando os fatores que a levaram de “brincadeira proibida” a “Patrimônio da Humanidade”. A falta de registros históricos e da memória oral impede a precisão de informações sobre suas verdadeiras raízes.

Em 2010, realizou-se o Encontro Pró-Capoeira (Programa Nacional de Salvaguarda e Incentivo à Capoeira), em Recife, Rio de Janeiro e Brasília, reunindo mestres, professores,

pesquisadores e outros para ouvir os capoeiristas e possibilitar o repasse de saberes, desejos e frustrações, salvaguardando os aspectos patrimoniais da capoeira: arte, expressão, instrumentos, etc.

Valorizando e promovendo a cultura e o saber dos mestres de capoeira dentro do espaço escolar, levaremos crianças e jovens ao mundo mágico dessa arte, entendida como uma prática que implementa principalmente o respeito para si próprio e para o mundo que o rodeia.

“No jogo/luta/dança o corpo capoeira que se torna um só corpo com o berimbau, já traz na cabaça parte de sua essência africana” (RODRIGUES FILHO; BRAGA, 2008)

A produção do saber tendo os patrimônios como objeto de estudo pode ser uma experiência potencializadora para o currículo escolar, favorecendo uma melhor compreensão das normas sociais, usos, costumes e tradições que regem a sociedade onde esteja inserido. Como afirmam ULLER; CARBONAR (2001):

“Pelo fato da cultura estar muito ligada à vida em sociedade, ela reflete muito do processo social, da construção histórica, das lutas e das conquistas e derrotas (...). Ela traduz produtos, povos, estilos e épocas, dados fundamentais para a compreensão das sociedades contemporâneas”.

Sendo assim, a cultura pode ser social (é criada, aprendida, acumulada e transmitida pelos elementos de um grupo enquanto sociedade), é seletiva (incluindo padrões comportamentais), é explícita e manifesta (através de ações e movimentos inclusos nos hábitos, práticas e aptidões) e implícita ou não manifesta (por estarem muitas vezes oculta ou no inconsciente das pessoas). Ela provoca mudanças, ou seja, inovações. Pode levar a uma integração através da aceitação, ou então pode eliminar, excluir.

A capoeira, nesse contexto, pode ser entendida como atividade física e ferramenta para o desenvolvimento pessoal e social, além de um recurso cultural lúdico pedagógico para nossas crianças e jovens. Escrever sobre os grandes mestres de capoeira é voltar no tempo e desvendar a magia que envolvia essas pessoas.

Nesse estudo, faremos uma breve leitura da figura de Washington Bruno da Silva, o Mestre Canjiquinha, nascido em 1925, em Salvador, tendo iniciado na capoeira em 1935, com

Antônio Raimundo, o legendário Mestre Aberrê, na Baixa do Tubo, no Matatu Pequeno. Foi um visionário afirmando aos seus alunos que “a capoeira não tem credo, não tem cor, não tem bandeira, ela é do povo, vai correr o mundo (...)”.

Para mestre Canjiquinha, a capoeira era luta, esporte, brinquedo, preferencialmente uma brincadeira. Melhor ainda se tivesse público assistindo. Como funcionário público era conhecido na repartição, mas como Canjiquinha, no mundo todo.

Mestre Canjiquinha participou de filmes como: o “Pagador de Promessas”, “Operação Tumulto”, “Capitães de Areia”, “Barra Vento”. Senhor dos Navegantes” e “A moça Daquela Hora”, além de fotonovelas com Sílvio César e Leni Lyra. Em sua opinião, não existia divisão entre angola e regional, para ele, era capoeira e obedecia ao toque, para jogar “amarrado” ou “apressado”.

Essa pesquisa contempla também uma pessoa formada mestre de capoeira pelo Mestre Canjiquinha: Mauro Barreto Dutra, o “Mestre Sinhozinho”, o qual segue os ensinamentos, a astúcia e a ginga da arte & manha da capoeira em Joinville, Santa Catarina. Nascido em Paranaguá em 1960, iniciou na capoeira aos 20 anos e, dez anos depois, em 1990 já era mestre.

Para Sinhozinho, a capoeira é “educar por meio da arte, da disciplina e organização. É uma filosofia de vida, um amargo na boca, o imprevisível. É uma preparação para a vida cotidiana. É saber que, apesar da rasteira, a vida segue e a roda continua”.

Fundador do Grupo de Capoeira Caravelas Negras em 1984 (posteriormente passou a se chamar Arte & Manha em 2007), desenvolveu vários trabalhos com essa arte no Colégio Univille, onde lecionava Educação Física.

Dois mestres foram por ele formados: mestre Zico (Isael Lourenço da Silva) e mestre Curió (Rogério Vieira) que também desenvolvem trabalhos com a capoeira em academias de Joinville. Merece destacar ainda mais alguns alunos de Sinhozinho: Joel Padilha, que trabalha a ginga da capoeira com crianças de Itapoá (SC) juntamente com sua esposa Mari e seu filho Júnior, Gilberto da Silva, de alcunha, “Astuto”, o qual desenvolve um belíssimo trabalho na APAE na cidade de Dois Vizinhos, no Paraná e Manuel Vitorino de Moura Neto, o “Pernalonga”, que também desenvolve projetos acompanhado de sua esposa Marina Oss-emer

com crianças do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) do Morro do Meio e do Comasa, em Joinville.

Ambos os capoeiristas consideram o Mestre Sinhozinho como um segundo pai, um exemplo a ser seguido, o que nos leva a perceber a importância dada ao mestre por seus discípulos.

A seguir, relatamos parte de uma música do Mestre Sinhozinho intitulado “Ser Mestre” para ilustrar um pouco do que a capoeira nos transmite em sua arte:

Ser Mestre de Capoeira

É bonito de dizer

Bater no peito e gritar alto oiaia

E dizer quem é você.

Ser Mestre de Capoeira

Não basta só querer

É preciso ser humilde

Quando quiser crescer

É ter sempre na memória

Lembranças da escravidão

Cicatrizes do açoite

Eeeee, do negro escravo nosso irmão

(...)

Ser Mestre de Capoeira

É ser amigo é ser irmão

É sentir na boca o amargo da ingratidão

É sentir no ombro o peso dessa vocação.

E só tem um golpe certo

Que bota o mestre no chão

Não é benção nem rasteira

Eeeee, esse golpe é ingratidão

(...)

A capoeira é uma atividade física bem ajustada à nossa cultura. Na sua riqueza de movimentos, a coordenação, o equilíbrio, a velocidade, a destreza, a agilidade, a flexibilidade

e a resistência são postas a toda prova, sendo que essas qualidades físicas são trabalhadas e desenvolvidas em permanente movimento (CAMPOS, 1990).

Sua aplicabilidade no currículo escolar desenvolverá a motricidade dos educandos, a autodisciplina, os valores estéticos, o senso crítico, além do senso esportivo e intelectual. Desmistificar sua trajetória, seus estilos e suas raízes, valorizando a história de seus mestres e o trabalho desenvolvido por seus seguidores nos justifica a sua presença dentro do âmbito escolar.

Em Areias (1983) encontramos um relato sobre a ginga que merece destacarmos:

“O som do berimbau ecoa pelo salão, pandeiro e atabaque o acompanham, um canto é puxado, o coro responde e tudo começa pela ginga. Ela é o movimento-mestre de todos os movimentos da capoeira. Sem ginga não tem capoeira, ela é a coluna vertebral dos movimentos da capoeiragem. É ela que proporciona ao capoeirista estar em constante movimento, para não se tornar alvo fácil de seu opositor. (...) É a partir da ginga que o capoeira dá cadência ao ritmo dos movimentos de seu corpo(...).

Acompanhando o trabalho desenvolvido pelo mestre Sinhozinho e pelos seus discípulos desde o ano de 2009, dos quais participei dos “batizados” e de muitas “rodas”. O carinho dispensado pelos capoeiristas com relação aos seus alunos tirou o véu que encobria a minha imaginação a respeito dessa arte, dessa luta, dessa ginga. Reconheci através desses acompanhamentos a magia da capoeira, interessando-me pela sua história, pela sua evolução.

Areias (1983) faz ainda referências ao dia da “formatura” ou “batizado”:

“De todos os momentos, desde que o aluno se iniciou pelos caminhos da capoeiragem, o mais esperado e ansiado por ele é o da sua formatura. Nesse dia, perante mestres das mais variadas regiões e estilos, ele se apresenta e é julgado por quase todos do universo da capoeiragem (...).”

Novas pesquisas e trabalhos acadêmicos nos permitem remontar aos primórdios de nossa história, buscando relatos de nossos antepassados africanos ou afro-brasileiros, suas angústias, suas alegrias e suas esperanças. A Educação Patrimonial nos embasa na busca desses escritos ou relatos orais, apontando caminhos que nos levem a reescrever a história de muitos desses

mestres capoeiristas, muitas vezes passados como sujeitos ocultos de nossa história, nos levando a refletir a poesia de Mestre Sinhozinho: ‘Declaração de amor’:

*“Capoeira, o que é isso?
Uma luta? Uma dança?
Ou uma brincadeira de criança?
Ou um jogo, como o xadrez?
Que cada movimento tem seu momento e
sua vez.
É, parece mais com um jogo, lento, forte e
malicioso.
Onde o jogador tenta confundir o
oponente,
Mostrando o sorriso no canto dos lábios,
lhe mostrando os dentes.
É beleza sem igual,
Dois jogadores no meio ao som do
berimbau.
Ah capoeira! Quando te vi pela primeira
Vez... Eu me entreguei aos seus encantos
Quando toco berimbau, rezo, grito e canto,
Flutuo e meus pés saem do chão.
Ah capoeira! Você é minha grande paixão
És minha filosofia de vida.”*

Mesmo sem praticar a capoeira no sentido literal, sinto-me uma capoeirista, registrando com pesquisas, fotos e filmagens os eventos dos quais participo. Pretendo com isso levar a beleza dessa arte e a trajetória de alguns de seus mestres ao conhecimento público para que eles não se tornem apenas mais alguns dos muitos sujeitos ocultos de nossa História. Este trabalho foi orientado pela professora Ms. Elizabeth Johansen (UEPG).

“Capoeira é como se fosse uma planta que, tomando-se o seu chá, ou utilizando-a de quantas formas forem necessárias tenha inúmeras serventias ao organismo e ao espírito humano. Por isso, e porque os elementos que

compõem a capoeira são tantos, é que ela será sempre uma fonte inesgotável de descobertas". (AREIAS, 1983).

REFERÊNCIAS

- AREIAS, Almir. **O que é Capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CAMPOS, Helio. **Capoeira na Escola**. Salvador: Presscolor, 1990.
- CAPOEIRA, Nestor. **Galo já Cantou, capoeira para iniciados**. Rio de Janeiro: Cabicieri, 1985.
- _____. **O Pequeno manual do Jogador de Capoeira**. Ground, 1981.
- _____. **Capoeira, os Fundamentos da Malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- DUTRA, Mauro Barreto. **Curso de Capoeira Escolar**. Apostila complementar. Joinville, 1996.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Formação de professores: **Raça/Etnia**. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.
- MOREIRA, Antônio. **Canjiquinha, Alegria da Capoeira**. Bahia: Fundação cultural da Bahia.
- NEGAÇA. V.2, nº 2. **Programa Nacional de capoeira**. Brasília: 1994.
- PAULA E SILVA, André Marcos. **História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**. Curitiba: Expoente, 2008.
- PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- SILVA, Eusébio Lôbo da. **O corpo na Capoeira**. Campinas: Unicamp, 2008.
- ULLER, Adriana Salviato; CARBONAR, Maria Aparecida; ULLER, Waldir. **Preservação do Patrimônio Local: Uma Questão Para a Educação Mundial?** Retratando nossa Realidade em Ponta Grossa. Apucarana: Gráfica Diocesana, 2001.